



LIÇÃO 05

**01 de Fevereiro de 2026
1º TRIMESTRE 2026
ADULTOS**

O Deus Filho

Esboço Da Lição 05

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A SANTÍSSIMA TRINDADE
O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

Domingo, 01 de fevereiro 2026

O DEUS FILHO

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Nesta lição, exploraremos a doutrina fundamental sobre o Deus Filho, a Segunda Pessoa da Trindade. A partir da concepção virginal e da gloriosa Transfiguração, veremos que Jesus Cristo é verdadeiramente homem e plenamente Deus, possuindo a mesma essência do Pai. Ele não é apenas um profeta, mas o centro da revelação divina, o cumprimento da Lei e o único Mediador entre Deus e a humanidade. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!” (Mt 17.5, NVI).

Enquanto Pedro estava falando, uma nuvem brilhante os cobriu, e dela veio uma voz, que disse: — Este é o meu Filho querido, que me dá muita alegria. Escutem o que ele diz! (Mt 17.5, NTLH).

No auge da transfiguração (Mt 17.1-8), uma nuvem luminosa envolveu os discípulos e o Pai declarou em voz audível três coisas sobre Jesus:

1. Identidade: “Este é o meu Filho...”
2. Amor e aprovação: “o amado... em quem me agrado”
3. Autoridade prática: “a ele ouvi” (um mandamento aos discípulos)

VERDADE PRÁTICA

Jesus Cristo, o Deus Filho, é a revelação plena do Pai, centro da revelação divina e único mediador entre Deus e os homens.

A Verdade Prática sintetiza muito bem o conteúdo dos pontos e subpontos. Vamos analisa-la em três pontos:

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

1. Revelação plena do Pai. A Transfiguração comprova a divindade de Cristo visual e auditivamente. Diferente de Moisés, cujo rosto brilhava com luz refletida, Jesus transfigurou-se irradiando sua própria glória intrínseca, revelando ser a "expressão exata do ser de Deus" e o "resplendor da sua glória" (Hb 1.3).
2. Centro da revelação divina (Superioridade sobre a Lei e os Profetas). Moisés (a Lei) e Elias (os Profetas) apareceram conversando com Jesus, indicando que todo o Antigo Testamento apontava para Ele e nEle se cumpre. O fato de ambos desaparecerem, deixando os discípulos a ver "a ninguém, senão a Jesus" (Mt 17.8), somado à ordem do Pai "A ele ouvi", estabelece que Cristo é a Palavra final e superior de Deus, a humanidade.
3. Único Mediador (O novo Êxodo). Lucas 9.31 relata que o tema da conversa no monte era a "partida" (no grego, *exodos*) que Jesus consumaria em Jerusalém. Isso conecta a glória divina diretamente à morte sacrificial na cruz. Jesus é o único mediador porque somente Ele, como Deus-Homem, poderia realizar esse "segundo êxodo", libertando o povo da escravidão do pecado e inaugurando a Nova Aliança.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A DIVINDADE DO FILHO

Ideia central do ponto: Jesus é o Filho eterno, plenamente Deus. Sua encarnação preserva sua deidade e confirma sua identidade (Jo 1.1,14; Lc 1.35).

1.1 A Concepção Virginal de Jesus.

Ideia central: A encarnação ocorre pela ação do Espírito e pelo poder do Altíssimo, evidenciando o agir trinitário (Lc 1.35).
O aluno deve sair sabendo: explicar por que a concepção virginal sustenta a identidade do Filho e qual é a sua relevância para igreja.

A LIÇÃO DIZ: *A concepção do Senhor Jesus foi um ato miraculoso. Sobre isso, o anjo Gabriel explicou à virgem: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” (Lc 1.35a). Dessa maneira, observa-se, nesse evento, a manifestação da Trindade: o Pai, o Filho de Deus e o Espírito Santo.*

A concepção virginal de Jesus é fundamental para a teologia cristã porque atua como o elo histórico que conecta a pré-existência eterna do Filho com a sua humanidade assumida, garantindo tanto a sua impecabilidade quanto a eficácia da sua obra redentora em favor da Igreja.

A concepção virginal evidencia que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Como homem, Jesus não teve pai humano; como Deus, Ele não teve mãe. Pela operação do Espírito Santo, Ele herdou a natureza divina do Pai e recebeu a natureza humana de Maria, unindo-as perfeitamente em uma só Pessoa, sem confusão ou mistura.

Os relatos da concepção virginal de Jesus aparecem principalmente em Mateus 1.18-23 e Lucas 1.26-38:

Em Mateus 1.20, o anjo diz a José: “...o que nela foi gerado é do Espírito Santo.”

Em Lucas 1.35, o anjo Gabriel diz a Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.”

Nestes textos, três elementos são evidentes:

1.1.1 O Espírito Santo é agente direto da concepção.

1.1.2 O Altíssimo (Deus Pai) é mencionado como fonte do poder envolvente.

1.1.3 O ser concebido é o Filho de Deus, pré-existente, que assume a natureza humana.

Se Cristo fosse filho de José e Maria por geração ordinária, Ele herdaria a culpa de Adão e a natureza pecaminosa, tornando-se incapaz de ser o Salvador. A concepção sobrenatural garantiu que o ente nascido fosse "Santo" (Lc 1.35), livre da contaminação do pecado original e qualificado para ser o Cordeiro imaculado que tira o pecado do mundo. Esta doutrina é essencial para a fé cristã, pois se Jesus não tivesse assumido a natureza humana (sem pecado), Ele não poderia representar a humanidade nem reconciliá-la com Deus.

1.2 A deidade absoluta do Filho.

Ideia central: O Verbo é Deus desde a eternidade e, na encarnação, assume a natureza humana sem deixar de ser Deus (Jo 1.1; Jo 10.30; Fp 2.6-11).

O aluno deve sair sabendo: afirmar as duas naturezas em uma Pessoa e relacionar isso à mediação única de Cristo (1Tm 2.5).

A LIÇÃO DIZ: *O Senhor Jesus Cristo é, desde a eternidade, o único Filho de Deus e possui a mesma essência e substância (gr. homooúsios) do Pai (Jo 10.30; 14.9). Antes de nascer em Belém, o Filho já existia eternamente com o Pai: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1). Ele é a Segunda Pessoa da Trindade e foi enviado pelo Pai ao mundo (1Jo 4.9). Ele se fez carne, sem deixar de ser Deus, possuindo duas naturezas, a divina e a humana, unidas numa única pessoa (Jo 1.14; Fp 2.6-11).*

O evangelho joanino é bem claro quanto a divindade de Jesus: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

No princípio era o Verbo. Ele mesmo não teve um começo, mas existiu desde a eternidade. Para além de onde a mente humana pode ir, o Senhor Jesus estava lá. Ele nunca foi criado. Ele não teve princípio. (Uma genealogia estaria fora de contexto nesse evangelho do Filho de Deus.)

O Verbo estava com Deus. Ele tinha uma personalidade separada e distinta. Ele não era simplesmente uma ideia, um pensamento ou algum tipo de exemplo vago, mas uma pessoa real que viveu com Deus.

O Verbo era Deus. Ele não apenas estava com Deus, mas ele mesmo era Deus. A Bíblia ensina que há um Deus e que há três pessoas na Divindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essas três pessoas são Deus. Nesse versículo, duas das pessoas da Divindade são mencionadas: Deus Pai e Deus Filho. É a primeira de muitas declarações claras nesse evangelho de que *Jesus Cristo é Deus*. Não é suficiente dizer que ele é “um deus”, que ele é semelhante a um deus ou que ele é divino. A Bíblia ensina que ele *é* Deus.

Numa só sentença, o primeiro versículo do evangelho de João declara a eternidade, a personalidade e a deidade de Cristo. João pretende que o todo de seu evangelho seja lido à luz desse versículo.

Um dos argumentos mais conhecidos a respeito da divindade de Jesus é o famoso trilema! Um judeu do primeiro século chamado Jesus afirmou algo extraordinário a respeito de si mesmo: que era o Deus eterno e verdadeiro. Temos, assim, três possibilidades quanto a Jesus, e devemos escolher apenas uma delas: ou ele era um enganador consciente, ou estava sinceramente enganado, ou era, de fato, Deus. Esse é o famoso trilema de Jesus.

Embora C. S. Lewis não tenha sido o primeiro a articular o trilema de Jesus, foi, por certo, o principal responsável por popularizá-lo. Em uma de suas obras mais influentes, *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis afirma:

De duas uma, ou ele [Jesus] seria um lunático — do nível de alguém que afirmasse ser um ovo frito — ou então seria o diabo em pessoa. Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus; ou então um louco ou algo pior. Você pode descartá-lo como sendo um tolo ou pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou, então, pode cair de joelhos a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não me venha com essa conversa mole de ele ter sido um grande mestre de moral, pois ele não nos deu essa alternativa e nem tinha essa pretensão.

1.3 Os atributos divinos de Jesus.

Ideia central: Jesus possui os atributos próprios de Deus, confirmando sua plena divindade (Mt 18.20; Jo 21.17; Hb 1.12; Ap 1.8).

O aluno deve sair sabendo: identificar os atributos divinos em Cristo e enfatizar por que Ele deve ser adorado e obedecido.

A LIÇÃO DIZ: *Como Segunda Pessoa da Trindade, Jesus possui todos os atributos essenciais da divindade. Crer em Jesus como Deus é vital para a fé cristã. Negar qualquer um desses atributos é negar a essência do Evangelho (Jo 20.31).*

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus (2017, p. 51) destaca que:

A Bíblia afirma com frequência que Jesus é Deus: "No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1); "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9). As Escrituras Sagradas revelam os atributos divinos na pessoa de Jesus. Ele é eterno: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6); onipotente: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, Todo-poderoso" (Ap 1.8); onipresente: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18.20); e onisciente: "Agora, conhecemos que sabes tudo" (Jo 16.30). As suas obras revelam também a sua divindade. Ele é o absoluto soberano e criador de todas as coisas. Ele é a fonte da vida, autor do novo nascimento, habita nos fiéis, dá a vida eterna, inspirou também os profetas e apóstolos, distribui os ministérios, santifica os fiéis, deu poder aos apóstolos, perdoa pecados, é adorado pelos humanos, pelos anjos, na terra e no céu. Possui títulos divinos, como "Eu Sou", o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, e o Senhor dos Senhores.

Os atributos são perfeições próprias da essência de Deus. Os atributos absolutos ou incommunicáveis são exclusivos da divindade como onipotência, eternidade, onisciência e onipresença.

1.3.1 Ele perdoou pecados. *Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: — Filho, os seus pecados estão perdoados. Alguns escribas estavam sentados ali e pensavam em seu coração: Como ele se atreve a falar assim? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, a não ser um, que é Deus? (Mc 2.5-7, NAA).*

- 1.3.2 Jesus era adorado como Deus. *Então Jesus lhe ordenou: — Vá embora, Satanás, porque está escrito: “Adore o Senhor, seu Deus, e preste culto somente a ele.”* (Mt 4.10, NAA). *Cornélio prostou-se aos pés de Pedro, mas ele não aceitou ser adorado* (At 10.25,26). *João prostou-se diante de um anjo, mas o ele não aceitou ser adorado* (Ap 19.10). Porém, Jesus aceitou adoração: *E eis que um leproso aproximou-se e o adorou* (Mt 8.2, NAA). *E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: — Verdadeiramente o senhor é o Filho de Deus!* (Mt 14.33, NAA).
- 1.3.3 Jesus dizia ser igual a Deus. *Respondeu-lhe Jesus: [...] Eu e o Pai somos um. Novamente pegaram os judeus em pedras para lhe atirar. Disse-lhes: tenho-vos mostrado muitas boas obras da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejam, e, sim, por causa da blasfêmia, pois sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.* (Jo 10.25-33, ARC). *Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.* (Jo 5.17-18, ARC) ASSIM COMO O FILHO DE UM PAI HUMANO É TOTALEMENTE HUMANO, O FILHO DE DEUS É TOTALMENTE DEUS.
- 1.3.4 Jesus é onipotência. Em Isaías são citados cinco nomes de Cristo em uma mesma passagem; um deles (Deus forte) refere-se à onipotência de Cristo: *“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz”* (Is 9.6).
- 1.3.5 Jesus é onipresença. “Como Jesus continuou onipresente se, ainda na Terra, estava limitado pelo tempo e o espaço, ocupando apenas um só lugar ao mesmo tempo?” Como Filho do homem (sua humanidade), Ele estava limitado às dimensões geográficas: quando estava na Galileia, não se encontrava, é claro, na Judeia. No entanto, como Filho de Deus (sua divindade), sempre esteve presente em todo o lugar (Mt 28.20).
- 1.3.6 Jesus é onisciente. *Então, todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras.* (Ap 2.23 NVI).

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD

2. A CENTRALIDADE DO DEUS FILHO

Ideia central do ponto: Na transfiguração, Cristo manifestou sua glória (Mt 17.2-5; Hb 1.1-2).

2.1 A glória sobrenatural de Jesus.

Ideia central: A transfiguração revela, de modo antecipatório, a glória do Filho (Mt 17.2).

O aluno deve sair sabendo: descrever a finalidade cristológica do evento e sua relação com a exaltação de Cristo (Fp 2.9-11).

A LIÇÃO DIZ: *Pedro, Tiago e João acompanharam Jesus até um alto monte (Mt 17.1). Neste local, Jesus “transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz” (Mt 17.2). Na ocasião, Jesus revelou temporariamente a glória da sua natureza divina, com aparência resplandecente. Aqui, a divindade de Jesus foi revelada. Uma manifestação visível da glória de Deus no Filho encarnado (Fp 2.6-9).*

Vamos, a partir deste subponto, expor Mateus 17.1-8, onde está registrada a transfiguração de Jesus diante de alguns discípulos. Faremos isso levando em consideração o que Marcos e Lucas escreveram sobre esse mesmo evento.

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro e os irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E Jesus foi transfigurado diante deles. O seu rosto resplandecia como o sol, e as suas roupas se tornaram brancas como a luz. (Mt 17.1-2, NAA).

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os levou, em particular, a sós, a um alto monte. E Jesus foi transfigurado diante deles. As suas roupas se tornaram resplandecentes, de um branco muito intenso, como nenhum lavandeiro no mundo as poderia alvejar. (Mc 9.2-3, NAA).

Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, Jesus levou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e a roupa dele ficou de um branco brilhante. (Lc 9.28-29, NAA).

Os três evangelhos narram o mesmo evento, mas cada um o enquadra e o descreve com ênfases próprias, de modo que as diferenças não enfraquecem o relato, antes revelam o foco teológico e literário de cada autor.

Mateus e Marcos marcam o tempo com precisão (“seis dias depois”), enquanto Lucas amplia a janela (“cerca de oito dias depois”) e ainda amarra o episódio ao contexto imediato (“depois de proferidas estas palavras”), como quem diz: o que Jesus ensinou desemboca numa revelação. Até a forma de nomear os discípulos coopera com esse enquadramento: Mateus diz “Pedro e os irmãos Tiago e João”, trazendo um tom relacional; Marcos mantém a lista direta (“Pedro, Tiago e João”); e Lucas altera a ordem (“Pedro, João e Tiago”), sem mudar o grupo, mas mudando o ritmo da narração. Também há diferença no grau de isolamento: Mateus registra que foi “em particular”, Marcos reforça “em particular, a sós”, e Lucas prefere explicar a finalidade da subida ao monte, destacando o motivo: Jesus subiu para orar.

Na descrição do que acontece com Jesus, o mesmo momento ganha cores diferentes. Mateus enfatiza o rosto, “resplandecia como o sol”, e as roupas “brancas como a luz”, com imagens mais solenes e amplas. Marcos não menciona o rosto e concentra-se nas roupas, usando uma comparação cotidiana (“como nenhum lavandeiro no mundo as poderia alvejar”), como se puxasse o leitor para o impacto visual imediato. Lucas, por sua vez, destaca que a mudança ocorre “enquanto ele orava”, e descreve a transfiguração com linguagem mais observacional: “a aparência do seu rosto se transfigurou” e a roupa ficou “de um branco brilhante”, sem analogia extensa. **Assim, Mateus sublinha a glória, Marcos sublinha o assombro, e Lucas sublinha a ligação entre oração e revelação.**

Que monte era esse? A tradição diz que é o monte Tabor; outros pensam que se trata do monte Hermom. Mas a geografia não interessa, pois não fazemos peregrinações sagradas. A fé no Senhor vivo que está presente em todos os lugares faz que montes sagrados entrem em esquecimento.

A palavra traduzida como “transfigurado” vem do verbo grego μεταμορφόω (metamorphoō), que significa “transformar-se em forma ou aparência”, de modo visível. *Meta* = mudança. *Morphē* = forma, aparência visível.

O contraste entre o anúncio da cruz (Mt 16.21) e a glória vista no monte tem finalidade cristológica: preparar os discípulos para entender que a humilhação de Jesus é voluntária e que ela o conduz, necessariamente, à sua exaltação. Eles veem, por um instante, aquilo que será plenamente manifesto depois: o Cristo exaltado.

2.2. O testemunho da Lei e dos Profetas.

Ideia central: Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, que convergem e se cumprem em Cristo (Mt 17.3; Mt 5.17; Lc 24.27).

O aluno deve sair sabendo: explicar como o Antigo Testamento aponta para Cristo sem criar “mediadores paralelos”.

A LIÇÃO DIZ: *Estando no monte “eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele” (Mt 17.3). A aparição de Moisés e Elias não foi um contato com os mortos (Mc 12.27; Lc 16.26), mas um ato divino carregado de significado escatológico. Moisés representa a Lei. Ele é o mediador da Antiga Aliança, o legislador do povo hebreu (Êx 24.7,8). Elias representa os Profetas, considerado o símbolo da proclamação profética. Sua aparição mostra que os profetas anunciavam a vinda do Messias (Is 9.6; Ml 4.5,6). Esses dois personagens testemunham que Jesus é o tema central e o cumprimento definitivo das Escrituras (Lc 24.27). A presença deles é uma prova visível da superioridade de Jesus (Hb 1.1,2).*

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com Jesus. Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: — Senhor, bom é estarmos aqui. Se o senhor quiser, farei aqui três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias. (Mt 17.3-4, NAA).

E lhes apareceu Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus. Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: — Mestre, bom é estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias. Pois não sabia o que dizer, por estarem eles apavorados. (Mc 9.4-6, NAA).

E eis que dois homens falavam com ele: eram Moisés e Elias, que apareceram em glória e falavam da morte de Jesus, que ele estava para cumprir em Jerusalém. Pedro e seus companheiros estavam caindo de sono; mas, conservando-se acordados, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com ele. Quando estes começaram a se afastar de Jesus, Pedro lhe disse: — Mestre, bom é estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias. Porém, Pedro não sabia o que estava dizendo. (Lc 9.30-33, NAA).

Moisés e Elias podem representar os santos do AT. Ou, se tomarmos Moisés como representante da Lei, e Elias representando os Profetas, então aqui vemos ambas as partes do AT apontando para os sofrimentos de Cristo e as glórias que seguiriam. Uma terceira possibilidade é que Moisés, levado ao céu por meio da morte, representa todos os que serão ressuscitados da morte para entrar no milênio, enquanto Elias, trasladado para o céu, representa os que entrarão no reino pelo caminho de trasladação. Acho mais plausível a segunda possibilidade.

Moisés e Elias também carregam peso escatológico: Moisés é apresentado como modelo do profeta prometido (Dt 18.18), e Elias como figura ligada ao precursor (Mt 3.1-3; 11.7-10; 17.9-13).

Os dois experimentaram manifestações da glória divina, um no Sinai (Êx 31.18) e o outro no Horebe (1Rs 19.8). Porém, aqui a ênfase é que a glória agora se concentra em Jesus: é Ele quem é transfigurado e irradia a glória da divindade. Também não passa despercebido que ambos sofreram rejeição: Moisés foi resistido pelo povo (cf. At 7.35,37) e Elias foi perseguido (1Rs 19.1-9; Mt 17.12). Portanto, juntos, eles podem representar a Lei e os Profetas.

Destacamos a superioridade Cristo usando as palavras do escritor aos Hebreus:

Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o universo. O Filho, que é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela sua palavra poderosa, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas (Hb 1.1-4, NAA).

2.3 A aprovação divina do Pai.

Ideia central: O Pai identifica o Filho amado e ordena que sua voz seja ouvida acima de todas as outras (Mt 17.5; Dt 18.15).

O aluno deve sair sabendo: afirmar que ouvir o Filho é um critério de fidelidade a Deus e a base para a vida cristã.

A LIÇÃO DIZ: *A expressão “em quem me comprazo” (gr. eudokēsa) revela que o Filho é aquele em quem o Pai se deleita (Is 42.1). A voz do Pai é uma afirmação da centralidade de Cristo (Jo 14.6) e sustenta a doutrina da Trindade, em que o Filho é Deus, gerado pelo Pai e consubstancial com Ele (Jo 14.9,10).*

Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: — Este é o meu Filho amado, em quem me agrado; escutem o que ele diz! (Mt 17.5, NAA).

A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela veio uma voz que dizia: — Este é o meu Filho amado; escutem o que ele diz! (Mc 9.7, NAA).

Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu. E ficaram com medo ao entrar na nuvem. E dela veio uma voz que dizia: — Este é o meu Filho, o meu eleito; escutem o que ele diz! (Lc 9.34, NAA).

Três observações precisam ser feitas aqui:

- 2.3.1 Em primeiro lugar, Mateus 17.5 é o ponto alto desse evento porque a voz vinda da nuvem não apenas identifica Jesus, mas fixa uma ordem que serve como critério de fidelidade: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o”. A fala é, em grande parte, uma repetição de 3.17, agora colocada no contexto da transfiguração, e, por isso, ganha força normativa. Logo, “ouvir o Filho” é uma forma de obedecer ao próprio Deus. A fé cristã se define, aqui, por uma submissão à voz de Cristo, acima de qualquer outra voz.
- 2.3.2 Em segundo lugar, o próprio cenário explica por que essa ordem é decisiva. Mateus registra a presença de Moisés e Elias, e, com isso, a narrativa coloca lado a lado o que poderia parecer concorrente: Moisés, figura associada à Lei e à aliança, e Elias, figura associada aos Profetas e ao horizonte escatológico. No entanto, justamente quando essas figuras aparecem, o Pai acrescenta a instrução “escutai-o”, uma

alusão que ecoa Dt 18.15-18, e confirma Jesus como o profeta escatológico cujo tipo Moisés personifica (cf. At 3.22,23; 7.37). Assim, o texto não está equiparando Jesus a Moisés e Elias, mas, no contexto, indo adiante e pondo-o acima deles. É por isso que o “ouvir” funciona como critério de fidelidade: quem deseja ser fiel a Deus, deve ser governado pela palavra do Filho.

2.3.3 Em terceiro lugar, a nuvem resplandecente serve como moldura teológica da ordem. A nuvem, no Antigo Testamento, é sinal clássico da presença divina e remete ao êxodo (Êx 13.21,22; 19.16; 24.15-18; 40.34-38). Além disso, em diversos textos bíblicos e no imaginário judaico, a nuvem também aparece associada ao horizonte escatológico e ao reino que irrompe (Sl 97.2; Is 4.5; Dn 7.13; Sf 1.15; cf. Lc 21.27; 1Ts 4.17). O detalhe mateano de que a nuvem era “luminosa” reforça a ideia de glória e, no conjunto, sublinha o que importa: a ordem “escutai-o” vem do âmbito da presença de Deus.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A MISSÃO REDENTORA DO DEUS FILHO

Ideia central do ponto: Cristo é a revelação suprema, o único salvador e mediador, e sua obra é suficiente para reconciliar o pecador com Deus (Hb 1.1-3; At 4.12).

3.1 O Filho como revelação suprema.

Ideia central: Deus falou de modo definitivo no Filho, que possui autoridade final sobre a fé e a prática (Hb 1.1-2; Mt 17.5).
O aluno deve sair sabendo: priorizar o ensino de Cristo como norma para crença, adoração e obediência.

A LIÇÃO DIZ: *A instrução, “escutai-o”, coloca o Filho em posição de supremacia sobre as revelações anteriores (Lc 16.16; Jo 1.17,18). Não é Moisés (a Lei) e nem Elias (os Profetas) que devem ser ouvidos, mas o Cristo (Hb 1.1,2). Esse evento sinaliza a transição entre a Antiga e a Nova Aliança, centrada na pessoa do Filho (Cl 2.17; Hb 10.1). Logo, negar a Cristo, ignorá-lo ou relativizar sua voz é rejeitar a autoridade de Deus (1Jo 5.12).*

A Bíblia apresenta Jesus como maior do que todos os que viveram antes dEle e todos os que virão depois. Colossenses 1.18 expõe, de modo direto, sua supremacia “em todas as coisas”, e Efésios 1.22 afirma que Deus sujeitou tudo “debaixo dos pés de Cristo” e o constituiu “cabeça sobre todas as coisas” para a igreja (Ef 1.22).

3.1.1 Jesus é maior que toda a criação, porque é o Criador e o fim de todas as coisas: “tudo foi criado por meio dele e para ele” (Cl 1.16). Essa supremacia aparece quando Ele domina a natureza e a vida, ao acalmar a tempestade (Mc 4.39), multiplicar pães (Mc 8.6-9), curar cegos (Mc 8.22-25) e andar sobre as águas (Mc 6.48).

- 3.1.2 Jesus é maior que Abraão, porque sua identidade antecede a própria história patriarcal. Diante dos judeus, Ele afirma que Abraão “viu” o seu dia e se alegrou, e declara: “antes que Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8.56,58; cf. Jo 8.53).
- 3.1.3 Jesus é maior que Jacó, porque oferece uma dádiva que não se limita ao presente. No poço de Jacó, Ele promete “água viva” (Jo 4.10) e contrasta a água que passa com a água que permanece, tornando-se “fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.12-14; cf. Gn 32.28).
- 3.1.4 Jesus é maior que Moisés. Moisés foi o mediador da Lei e falou com Deus “face a face” (Êx 33.11), e também apontou para o profeta a quem o povo deveria ouvir (Dt 18.15). Porém, Jesus cumpre a Lei (Mt 5.17), liberta do pecado e da morte (Rm 8.2), e Hb 3.3 afirma que Ele é “digno de maior glória do que Moisés” (Hb 3.3; cf. At 2.22).
- 3.1.5 Jesus é maior que Davi. Embora o Messias seja chamado “Filho de Davi” (Mt 9.27; cf. 2Sm 7.16), o próprio Davi o chama de “meu Senhor” (Sl 110.1; cf. Mt 22.45). Logo, o Filho de Davi não é apenas herdeiro de uma linhagem, mas o Senhor acima dela.
- 3.1.6 Jesus é maior que Salomão. Ainda que Salomão tenha sido singular em sabedoria, riqueza e prestígio (1Rs 10.23-24), Jesus declara que “aqui está quem é maior do que Salomão” (Mt 12.42). A grandeza de Cristo supera a glória do trono de Salomão e a fama da sabedoria humana.
- 3.1.7 Jesus é maior que Jonas. Jonas foi instrumento de um avivamento marcante em Nínive, mas Jesus declara: “aqui está quem é maior do que Jonas” (Mt 12.41).
- 3.1.8 Jesus é maior que João Batista. João foi “mais do que profeta” e, entre os nascidos de mulher, “ninguém é maior” (Lc 7.26,28). Contudo, o próprio João reconhece que Cristo é “mais poderoso” e que sua obra excede a dele, pois Jesus batiza com o Espírito Santo (Mc 1.7-8; cf. Lc 1.17).
- 3.1.9 Jesus é maior que o templo. O templo era o centro da vida religiosa de Israel, mas Jesus afirma: “aqui está quem é maior do que o templo” (Mt 12.6). Sua mediação é superior, e Hb 8.6 declara que Ele possui “ministério tanto mais excelente” (Hb 8.6).
- 3.1.10 Jesus é maior que o sábado. O sábado era o sinal da aliança mosaica (Ez 20.12), e Jesus viveu sob a Lei e a cumpriu (Gl 4.4; Mt 5.17). Ainda assim, Ele afirma que “o Filho do Homem é o Senhor do sábado” (Mt 12.8).
- 3.1.11 Jesus é maior que a igreja. A igreja é o povo eleito e redimido por Deus (Rm 8.30) e será apresentada gloriosa (Ef 5.27). Contudo, Cristo é maior, porque é o Cabeça da igreja, seu corpo (Cl 1.18; cf. Jo 13.16; 15.20).

3.1.12 Jesus é maior que os anjos. Os anjos são servos, mas o Filho está entronizado à direita da Majestade e é superior por natureza e por nome (Hb 1.3-5). Um dia, toda autoridade se curvará diante dEle (Fp 2.10), pois Ele é “tão superior aos anjos” quanto o nome que herdou é “mais excelente” (Hb 1.4; cf. Jo 3.16).

O nome de Jesus é maior que todos os outros nomes. Deus o exaltou e lhe deu “o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.9). Por isso, a salvação é anunciada em seu Nome e somente nele é encontrada (At 4.12). “Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Como o Verbo eterno (Jo 1.1), Jesus é a revelação mais plena de Deus ao homem, e, por isso, não há voz acima da sua.

3.2 A exclusividade de Cristo na redenção.

Ideia central: Só Cristo salva e reconcilia; não há outro nome dado para salvação (At 4.12; 1Tm 2.5; Cl 1.20-22).

O aluno deve sair sabendo: defender a suficiência da obra de Cristo e rejeitar relativizações do evangelho.

A LIÇÃO DIZ: *Após a visão do Cristo transfigurado, a Bíblia declara: “erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus” (Mt 17.8). Essa afirmação encerra uma verdade fundamental: Cristo é absolutamente único e exclusivo na obra da redenção. A presença de Moisés e Elias cessou; restou apenas Cristo. Ele é o cumprimento da Lei e dos Profetas (Mt 5.17). Toda a Escritura aponta para Ele (Lc 24.27). Cristo não é meramente um Profeta; Ele é o Deus revelado (Jo 14.9), o esplendor da glória divina (Hb 1.3). Ele é o único mediador entre Deus e os homens (At 4.12; 1Tm 2.5).*

Exclusividade é a condição de ser único e incomparável em uma função que não admite substitutos nem concorrentes. Em termos bíblico-teológicos, é dizer que determinada obra ou mediação pertence somente a uma pessoa, por direito e por capacidade, de modo que não pode ser dividida, repetida ou complementada.

Em Mt 17.8, após o Pai falar e a visão chegar ao fim, os discípulos “erguendo os olhos, ninguém viram, senão a Jesus” (Mt 17.8). Moisés e Elias desaparecem, e permanece apenas Cristo. Essa cena comunica, de forma visual e pedagógica, que a Lei e os Profetas não competem com o Filho Eterno, antes testemunham dele e cedem lugar à sua centralidade. Assim, a transfiguração não termina com três figuras em pé de igualdade, mas com um único foco: Cristo.

3.3 O aprendizado pela experiência.

Ideia central: A visão da glória do Filho confirmou sua majestade e preparou os discípulos para perseverar (2Pe 1.16-17; Hb 12.2).

O aluno deve sair sabendo: aplicar a esperança na glória de Cristo para enfrentar o sofrimento, manter a fidelidade e permanecer em adoração.

A LIÇÃO DIZ: *A revelação da glória do Cristo ressurreto, foi também um evento pedagógico para os discípulos. A experiência os fortaleceu para o futuro sofrimento de Jesus. Mais tarde, Pedro reconheceu o episódio como evidência incontestável da majestade de Jesus: “mas nós mesmos vimos a sua majestade [...] quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido” (2Pe 1.16,17). A transfiguração, portanto, é o vislumbre do Reino, prenúncio da ressurreição, antecipação da vitória final de Cristo, e o anúncio de seu triunfo escatológico sobre a morte e todo domínio (Hb 1.8-12; Fp 2.9-11). Diante dessa glória, somos chamados a contemplar e adorar a Cristo com fé e esperança (Hb 12.2).*

Sobre esse evento, Pedro escreveu:

Porque não lhes demos a conhecer o poder e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas **oculares da sua majestade**. Porque ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando, pela Suprema Glória, lhe foi enviada a seguinte voz: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado.” **Ora, nós ouvimos esta voz vinda do céu quando estávamos com ele no monte santo**. Assim, temos ainda mais segura a palavra profética, e vocês fazem bem em dar atenção a ela, como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça no coração de vocês. (2Pe 1.16-19, NAA).

Conforme vimos, a experiência da transfiguração de Jesus é relatada por Mateus, Marcos e Lucas. Mas nenhum deles estava presente no monte com Jesus. Pedro estava e foi testemunha ocular do ocorrido.

Pedro dá três provas da transfiguração: um testemunho visual; um testemunho auditivo e um testemunho presencial. Quanto ao testemunho visual, os apóstolos foram testemunhas oculares da [...] majestade do Senhor. Quanto ao testemunho auditivo, os apóstolos ouviram da parte de Deus [...] a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Por fim, Pedro acrescenta o testemunho presencial: estávamos com ele no monte santo. Não há dúvida de que se trata de uma situação real.

A transfiguração aconteceu em boa parte para os discípulos (Jesus levou os três mais íntimos para ela; ele foi transfigurado diante “deles”; a voz falou para “eles”. Isso não quer dizer que eles entenderam totalmente o evento; mas a transfiguração foi um passo crucial na autorrevelação de Jesus carregada de simbolismo que seria muito mais bem entendida (2Pe 1.16-19) depois da ressurreição. Para o momento, ela confirmou de forma indelével a convicção dos discípulos de que Jesus era o Messias.

CONCLUSÃO

O estudo sobre o Deus Filho reafirma que Jesus Cristo não é apenas uma figura histórica ou um profeta relevante, mas a Segunda Pessoa da Trindade, plenamente Deus e plenamente homem. Através da concepção virginal e da gloriosa Transfiguração, Ele se revelou como o resplendor da glória do Pai e o cumprimento definitivo de toda a Lei e dos Profetas.

Sua divindade é atestada por Seus atributos eternos, enquanto Sua humanidade impecável O qualifica como o único Mediador eficaz. A ordem divina "ouçam-no" estabelece Cristo como a autoridade suprema para a Igreja. Concluirmos, portanto, que a salvação e a revelação plena de Deus repousam exclusivamente na pessoa de Jesus, o centro de toda a fé cristã.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
LETHAM, Robert. **A Trindade: na Escritura, história, teologia e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2022.
FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.
HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.
Santo Agostinho. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.
ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

